

Ronaldo Lima
Universidade Federal de Santa Catarina
ronaldo@cce.ufsc.br

Ana Cláudia de Souza
Universidade Federal de Santa Catarina – CNPq
Universidade do Extremo Sul Catarinense
anacs3@yahoo.com.br

Aspectos de leitura e tradução de registros alfa-numéricos

Abstract: In this paper a discussion on the processes of meaning construction, reading and translation is developed. The investigation focuses on the production of meaningful texts in the area of license numbers of automobiles.

Keywords: text, meaning construction, license plate.

Resumo: Neste artigo, apresenta-se discussão acerca dos processos de construção de sentido, leitura e tradução relativos à produção de textos significativos em registros de veículos automotores, as placas de carro.

Palavras-chave: texto, construção de sentido, placas de carro.

Sempre que possível, a experimentação é necessária na ciência. Mas é a intuição e a imaginação que fazem as teorias progredirem.
Pottier, 1992

1 Introdução

Neste estudo, são apresentados os resultados de uma investigação sobre a utilização de recursos alfa-numéricos como suporte para construir significações. A atenção recai sobre um recurso de escrita que está ao alcance dos cidadãos brasileiros, proprietários de veículos automotores: o registro externo dos veículos (RENAVAN) ou “placas de carro”.

Em muitos países – como Brasil e França, por exemplo – a identificação externa dos veículos é feita por meio de três letras e quatro dígitos. Se forem consideradas somente as letras do alfabeto, é possível formar uma grande quantidade de unidades lexicais, seja no sistema ortográfico do português (ex. MAU, MEU, PAI, PAZ), seja no de ou-

tras línguas (ex. BAD, EIS, DIO, VIN). Tais possibilidades são ampliadas quando se adotam certas estratégias, como por exemplo, a utilização dos dígitos como se fossem letras, de modo a formar unidades maiores, como: MAG 0 (*Mago*), BET 0 (*Beto*), BIL 1 (*Bili*).

Na miscelânia de jogos possíveis que emergem deste processo, é possível também gerar combinações entre as parte alfa e numérica para fazer menção a acontecimentos, entidades, lugares ou até a referentes não identificáveis por quaisquer leitores, tais como: GMB 1964, BES 0666, GBS 0101¹. A seqüência FLA 0010, em condições e contextos específicos, poderia ser, eventualmente, traduzida como: “*A camisa do atacante do Flamengo*”.

Os processos envolvidos tanto na composição quanto na interpretação destes códigos implicam uma série de aspectos de ordem lingüístico-sociais, permeados, forte e naturalmente, por fenômenos atrelados à contemporaneidade, a efeitos de composição artística, etc.

Em muitos casos, ficam evidenciadas, por vezes, intenções pontuais que subiazem a esta prática, tais como a utilização desta modalidade de linguagem para ostentação de poder, instauração de acordos relativamente estanques entre grupos que compartilham concepções ideológicas, efeitos de singularização de objetos, especificação de indivíduos e acontecimentos, entre outros.

2 Considerações acerca de leitura, escrita e tradução

Alguns textos escritos podem, sob certas condições, parecer desprovidos de sentido; algo como um registro incompleto e fragmentado do propósito vivo do autor; uma espécie de discurso mutilado e mumificado. Poder-se-ia compará-los a entidades não indulgentes à tentação de se chegar perto daquilo que o autor pretendeu exprimir, *nunc et ic*, em seu ato de significar. O texto escrito poderia, neste caso, ser comparado a uma entidade formal, avessa às tentativas do leitor de conhecer e compreender as condições psicanalíticas que permeiam sua produção.

A consciência da dificuldade em recriar intenções impressas no texto, lança sobre o *verbo* uma aura de mistério ou frustração. Todavia, face ao propósito do leitor de acessar o texto, a palavra parece adquirir vida nova. Sai do seu estado de latência e exprime capacidades mimético-intrínsecas como resposta às investidas do leitor para reconstruir significações locais e sentidos.

Face à carência de dados suficientes para a caracterização de “*texto*” em suas definições clássicas, dispõe-se, face ao objeto aqui considerado para exame, de leques periféricos amplos para a composição

de significações e sentidos, em relação à entidade dialeticamente qualificada como “mumificada e mutilada”.

Ao traduzir um texto, muitas vezes questiona-se sobre eventuais intenções nele impressas. Entretanto, a contemporaneidade díspar e a conseqüente impossibilidade de compartilhamento da pluralidade de elementos circunscritos nos domínios do sujeito-produtor, bem como do sujeito leitor deste mesmo texto, não nos legam senão retalhos de um todo. A recomposição da suposta “peça original” – inteira – escapa ao próprio autor do texto, tendo em vista os inexoráveis processos de esvanecimento e de mudança situados em todos os patamares da sua produção, a saber: lingüístico, ideológico, psicanalítico, histórico, etc.

Logo, o mimetismo imanente à conceitualização do código conduz à elaboração de outros textos, sob diferentes prismas. As possíveis construções são tantas quantas forem as variáveis que se alterem e as metamorfoses que se gerem. As eventuais similitudes alcançadas em relação ao “propósito vivo” – dito original – do autor dependem de conhecimentos compartilhados no âmbito das auras sinergéticas, de intermediações, operadas no espaço autor/leitor.

Estabelecendo um paralelo com a cena proposta por José Saramago em *A jangada de pedra*, poder-se-ia dizer que a palavra escrita é algo como uma ilha descolada de seu continente. Algo que não propõe seu sentido na mesma proporção que a palavra oral, em contexto de produção. No texto escrito, autor e leitor estão ligados unicamente pela forma. As interpretações plurais fluem livres. No texto oral, as circunstâncias de produção estão presentes e agem como suporte adicional à interpretação.

Qualquer relação entre unidade lexical e realidade à qual a palavra pretende referir-se carrega os germens das evoluções, entre os quais aqueles de natureza esvanecente que são ativados a partir do momento da produção do texto. Este mesmo traço de fragmentação se estende sobre a consciência das circunstâncias de produção do mesmo objeto. O autor, quase que concomitantemente ao ato de composição, torna-se leitor de seu próprio texto, situando-se, ele também, no espaço autor/leitor.

O verbo, uma vez lançado, fica à mercê dos mecanismos que o fazem evoluir. O controle das suas significações escapa aos pretensos domínios e propriedades da sua fonte geradora. O texto passa a ser coletivamente administrado. Somente a parte gráfica ou substancial subsiste, mantendo-se aberta à eventual administração dos componentes que incidem sobre sua carga semântica e que, progressivamente, transformam suas significações. Esses traços semânticos de mudança

são administrados por operações descritas por vários autores. Cita-se aqui, como exemplo François Rastier (1997), que propõe operações de *inibição*, de *apagamento*, de *inserção*, de *deriva*, etc. Estes processos que criam novas harmonias, conduzindo o leitor a estabelecer novas relações e, por conseguinte, novas interpretações.

No caso das placas dos veículos automotores, os recursos disponíveis para a composição do texto são, em primeira vista, bastante limitados. Esta característica convida ao uso de uma série de estratégias de escritura que – comparativamente aos modelos amplos ligados às línguas naturais – poderiam ser qualificadas, localmente, como lingüísticas e extra-lingüísticas. Tais estratégias são criadas e aplicadas de modo a ampliar e incrementar os mecanismos de construção de sentido.

Uma breve análise de alguns dos percursos concretos adotados para imprimir mensagens nas placas de carro evidencia mecanismos complexos, muito próximos daqueles existentes em todo e qualquer código (leia-se *língua*), bem como nos textos multimodais. A diferença parece situar-se no fato de que os acordos implícitos à significação, nas placas de carro, visam, aparentemente e em muitos casos, a determinados grupos sociais, fazendo com que a recomposição do propósito do autor se torne difícil ou até mesmo impossível aos não conhecedores das regras implícitas e os acordos pré-definidos.

3 Os recursos alfa-numéricos nas placas de carro

Ao dispor de três letras e quatro dígitos para matricular seu veículo novo, o proprietário pode optar, dependendo de sua posição sócio-econômica, por criar algumas seqüências alfa-numéricas originais que, segundo as Leis vigentes, passam a fazer parte da “impressão”² do veículo.

Todavia, neste modelo de escrita, não é sempre possível compor a seqüência desejada. O texto depende de uma oferta relativamente limitada de disposições pré-determinadas, disponíveis nos órgãos de licenciamento. Mesmo assim, em muitos registros, é possível identificar intenções de “significar”, e mesmo nos casos não intencionais, instalam-se, evidentemente, possibilidades de interpretações. Eis alguns exemplos observados nas ruas de Florianópolis, no primeiro semestre de 2006:

Marca do veículo: BMW, MBZ, ALD 1;

Nome/apelido do proprietário: TOM, BIA, BIL 1;

Membros da família: MAE, PAL, AVO;

Datas importantes para o proprietário: 1956, 2006, 1999;
Lugares/cidades: FLN, RGS, BEC 0;
Qualificativos: BIG, BAD, MAU;
Jogos numéricos: 0101, 1212, 2006;
Singularização : MAJ 0001, SUP 1000, VIP 2007;
Pejorativos: LIX 0125, TIO 6565, AVO 1935;
Atualidades: BIN 2001, PAZ 2006, LUL 4 006;
Esportes: VOO, SUF, KIT;
Siglas: USA, GBS, FFC;
Nomes próprios: FDT (Fulano De Tal), MDS (Maria da Silva);
Composições diversas: SOL, LUA, MAR, AMO, BOY, GRL, ZEN;
Outros: TAX 1, 2424, BOI.

O ato de imprimir significações nas placas de carro envolve processos que apresentam inúmeras implicações e características. Entre as mais salientes, observa-se que este tipo de escrita:

- não obedece fielmente ao sistema funcional da variedade padrão da língua e nem aos processos preconizados institucionalmente para a decodificação do sistema de escrita. Não se trata, pois, do léxico corrente. No caso de MAU, são efetivamente adotados – e eventualmente aceitos – os seguintes equivalentes: MAO, MAL, MAW, BAD, e ainda “BED” por questões de ordem homofônica;
- pode não ser sempre compartilhado pelos falantes de uma mesma língua. As orientações para localização de significações possuem graus de acessibilidade diferentes. FDT 2104, FDT 1952, podem referir-se, respectivamente, ao nome e sobrenome do proprietário (Fulano De Tal), que nasceu no dia 21 de abril, ou a um outro indivíduo nascido no ano de 1952, além, evidentemente de aceitar quaisquer outras atribuições de sentido possíveis a partir da seqüência;
- não obedece ao sistema funcional de uma só língua: BST, BAD, KID, EIS, DIO, VIN. Logo, pressupõe, por vezes, o conhecimento de línguas estrangeiras ou, contrariamente, parco conhecimento das mesmas, como nos casos de “BED” por “BAD”, “MAL” por “MAU”;
- exige o preenchimento de lacunas fonético-fonológicas, por vezes gráficas, para o estabelecimento de relações pertinentes, do tipo: BST = BEST ou BESTA, GRL = GIRL;

- baseia-se ora em abreviações (CIA, GBS, OAB, respectivamente: *Central Intelligence Agency*, Grupo de Busca e Salvamento, Organização dos Advogados do Brasil), ora em unidades completas (AMO, PAI, MAE) ou semi-completas (BLO, BST, respectivamente e BLO = Belo, BST = Best);
- não se limita ao uso de letras e composição de unidades lexicais em consonância com o sistema. Os algarismos podem carregar significações relacionadas a: jogos de azar, numerologia, cartomancia, códigos religiosos, fatos históricos ou mesmo secretos e ocultos: 1313, 0666, 5678;
- aceita que os dígitos sejam aplicados como equivalentes visuais para certas letras, de modo a formar unidades maiores, do tipo: MAG 0, BET 0, BIL 1;
- pode limitar-se a acordos restritos e previamente estabelecidos, ou seja, sistemas compartilhados por grupos sociais: MIG, MBZ, ZIP. No primeiro caso, por exemplo, trata-se de uma sigla empregada em aviação para fazer referência a um modelo de avião específico (caça soviético); pode também tratar-se do sistema de soldagem MIG. Os outros casos ficam sujeitos à participação do leitor em acordos pré-determinados: MBZ para a marca Mercedes Benz, ZIP para indicar compactação de arquivo;
- comporta-se como na língua dita “geral”, em a significação de seqüências está sujeita aos mecanismos de mudanças diacrônicas: FHC, ACM (respectivamente: Fernando Henrique Cardoso, Antônio Carlos Magalhães). As evoluções são inexoráveis, incluindo-se evidentemente o processo de esvanecimento do(s) sentido(s)s. Assim, provavelmente, FHC ou ACM não permitirão, num futuro breve, identificação tão fácil por indivíduos de algumas faixas etárias. A temporalidade e seus sucedâneos, como a contemporaneidade, são fatores intervenientes neste processo;
- pode fazer referência a entidades diversas: internas, externas, explícitas, ocultas, diretas, indiretas; pode remeter a objetos, pessoas, datas, acontecimentos: NEW 1109 (sobre o 11 de novembro em Nova York), ou ter como intenção imprimir mensagem mais ampla (FLA 0010: *A camisa do atacante do Flamengo*);
- pode estar sujeito a liberações legais e transações comerciais. Este fato implica poder econômico ou político e pode conduzir, em

muitos casos, à ostentação de poder e, por extensão, prestígio social: MBZ 2006: marca e ano do veículo.

As possibilidades de compor significações com os recursos alfanuméricos utilizados nas placas dos veículos automotores, bem como os processos envolvidos nas suas interpretações, implicam uma série de aspectos de ordem lingüístico-sociais e também ideológicos. Uma das hipóteses levantadas neste estudo é que este tipo de escrita pode representar um meio para expor mensagens para grupos sociais.

As questões envolvidas neste processo de “significar” são similares àquelas identificadas nos textos mais amplos da língua geral. Neste caso específico, ficam evidenciadas algumas intenções pontuais que subjazem a esta prática, tais como a utilização da linguagem para a ostentação de poder ou a adoção de acordos restritos para a singularização de objetos, pessoas e acontecimentos.

Nesta investigação, por carência de literatura específica, a temática é tentativamente analisada e, por isso, abordada de modo panorâmico. Aprofundamentos teóricos permitiriam, eventualmente, a exploração da complexidade que envolve a questão. Poder-se-ia, por exemplo, questionar se é possível comparar as representações das placas de veículos com os termos técnicos. O termo técnico pretende-se monosêmico, quando manifestado no âmbito do domínio ao qual pertence; quando surge em contexto hermético, o mesmo termo passa a não mais constituir uma unidade lexical do sistema funcional da língua, envolto nos processos de polissemias, nas armadilhas das ambigüidades, mas um elemento próprio de um domínio circunscrito, supostamente avesso a investidas metafóricas. Em função da redução ou anulação dos fenômenos da variabilidade conotativa, ele assumiria, sem concorrência, a relação onomasiológica. A significação do termo técnico remete, via de regra, a um objeto preciso naquela especialidade que o abriga. Essa relação de ordem biunívoca seria uma das características que marcam unidades e expressões próprias às línguas de especialidade (Lima, 2000).

No caso das placas de carro, a seqüência BMW, fixada em um veículo da marca BMW, não deixaria grandes dúvidas quanto à intenção de seu proprietário em estabelecer essa relação. Uma placa do tipo LCP, no entanto, poderia gerar interpretações plurais ou até não ser informativa. Em nossa intenção, *LPC - Luis Carlos Prestes* - é personagem de um cenário político que faz parte da história do País. A ausência de contexto específico, aliada aos fenômenos diacrônicos, não fornece pistas mínimas para o estabelecimento dessa relação. Em

contrapartida, FHC ou ACM, em 2006, ainda são seqüências que receberiam atribuições por um certo período de tempo, no seio de alguns grupos sociais.

Analisando outro caso, pode-se observar que as seqüências: MAU, MAO, MAL, MAW, BAD, “BED” são, eventualmente, lidas e interpretadas como MAU. Nas placas de carro, as relações grafema-fonema não obedecem às regras do português brasileiro e nem àquelas da língua inglesa. O importante, neste tipo de intenção, parece ser o registro de estampa, de mensagem, baseada na noção de *bad boy* estendida às noções de *terrific* e *strong*, valorizadas socialmente entre os jovens que compartilham fatos preconizados pela mídia ocidental atual.

Parece não haver, por hora, estudos lingüísticos relativos à questão. No entanto, nos deslocamentos cotidianos de casa para o trabalho, nos engarrafamentos constantes, nos estacionamentos, enfim, em vários lugares, convivemos com este tipo de escrita. Os processos implicados se assemelham àqueles que permeiam os estudos dos textos relativos às línguas em uso. Estudos mais aprofundados, com trabalho de campo mais amplo, permitiriam ampliar questões tão-somente suscitadas nesta proposta.

4 Comentários finais

Não se pode falar somente em *língua*, quando se trata de estudar a significação nas placas de veículos automotores. Parece que em muitos casos seria adequado referir-se à *linguagem*, pois a questão envolve aspectos que transcendem as línguas e seus sistemas funcionais amplos (som, grafema, significações, etc.). O ato de significar, aqui, ultrapassa a modalidade oral ou escrita convencional. Outras modalidades semióticas são implicadas neste processo: a imagem da placa, da máquina, da marca, do seu proprietário, do ambiente.

Nesta perspectiva, poder-se-ia afirmar que esta prática evidencia, entre outros, mais um dos fatos implicados nas relações entre linguagem e poder. Quase a totalidade dos exemplos apresentados neste estudo são reais. Uma observação empírica, porém atenciosa, permite constatar que uma parcela considerável dos carros novos, sobretudo importados e de custo elevado, têm placas que os singularizam, evidenciando claramente a intenção de ostentação e exercício de poder.

Descobriu-se também, inquerindo alguns proprietários, que muitas das placas aparentemente obtidas de modo aleatório no ato de registro do veículo haviam sido rigorosamente escolhidas para representar as iniciais do nome do proprietário, de parentes próximos, ou

para expor datas julgadas importantes, ou ainda esportes praticados e lugares de origem. Importante observar que muitos desses registros foram adquiridos por meio de grande empenho financeiro, embora a legislação atual coiba tal prática.

Como argumento para justificar as considerações aqui propostas, poder-se-ia sublinhar a curiosidade em conhecer um pouco mais das relações entre o homem, seu *ego*, seu *nunc* e seu *hic*, a complexidade dos processos envolvidos em suas representações e em suas relações com o poder.

A placa do carro parece ter sido elevada, a partir da segunda metade do século XX, ao patamar dos adornos em ouro e pedras nobres, competindo atualmente com os movimentos pela ostentação dos novos ícones sociais, tal como “a guerra dos telefones portáteis”: por sua redução, por acréscimo de monitor colorido, inclusão de aparelho fotográfico digital, reproduutor de MP3, agenda eletrônica, computador. Todavia, se o telefone portátil se popularizou e, no momento despenca vertiginosamente na escala dos adornos, a placa do carro ainda exige seu lastro, reforçando subjetividades e reflexões em espiral.

Notas

1. Respectivamente: Golpe militar brasileiro de 1964, número da Besta 0666, abreviação de Grupo de Busca e Salvamento da Polícia Militar de Santa Catarina (GBS/Bombeiros).
2. Há algumas décadas, era possível a comercialização dos números de placa. O proprietário poderia, por exemplo, localizar e negociar a compra do registro AB 501 junto ao proprietário que a possuía. Esse registro passaria a ser posse de outro proprietário. Neste período, os registros eram constituídos por duas letras e três números.

Referências

- Le Ninan, Claude. *Le français des affaires par la vidéo*. Paris: Didier-Hatier, 1993.
- Bachmann, Christian; Lindenfeld, Jacqueline; Simonin, Jacky; Chevalier, Jean-Claude. *Langage et communications sociales*. Paris: Didier, 1999.
- Carlo, Maddalena De. *L'interculturel*. Paris: Cle/International, 1999.
- Chantelauve, Odile. *Écrire*. Paris: Hachette, 1999.
- Cordonnier, Jean-Louis. *Traduction et culture*. Paris: Didier, 1999.
- Lima, Ronaldo. “Langue de spécialité: considérations théoriques pour l’enseignement”. *Anais do Xº Congrès Mondiale de La FIPF*. Paris: FIPF, 2000. pp. 67-73.
- Masselin, Jacques; Delsol, Alain; Duchaigne, Robert. *Le français scientifique et technique*. Paris: Didier, 1999.

- Moeschler, Jacques. *Argumentation et conversation*. Paris: Didier, 1999.
- Pottier, Bernard. *Théorie et analyse en Linguistique*. Paris: Hachette, 1992.
- Saramago, José. *A jangada de pedra*. 4^a ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1988.